Foto: MÁRIO NOVAIS

SUMÁRIO

BOLETIM MENSAL
N.° 49
MAIO — 1943

Foto: GIOVANNI BERTANA

Preço avulso . . . . 1$00 ★ Assinatura ao ano . . . . 12$00

OBRA DAS MÃES PELA EDUCAÇÃO NACIONAL
MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da M. P. F. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 46134 — Editora, Maria Joana Mendes Leal — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

PARA O MEU EPITAFIO...

MORRER... Saber morrer... Morrer bem é questão de viver bem.

E vale a pena. Vale a pena ter uma grande, uma linda morte.

Merecer uma morte honrosa. Aqui há anos, o doutor Colombani, médico de Xyantey, contou numa revista francesa um caso que virá aqui muito a propósito.

Estava-se em 1928. Lyautey, no regresso da Conferência de Alger, ia a caminho de Rabat.

O Marechal foi acometido, a certa altura, de uma crise de fígado. O médico insiste para que se faça uma estação em Rabat. A doença assim o pedia.

Mais do que uma vez insistiram todos para que assim se fizesse, em vista da gravidade do caso.

Contra a vontade e a prudência de todos, Lyautey manda sempre que o automóvel prossiga em direcção a Fez.

Chegados finalmente a esta cidade, Lyautey, mesmo gravemente doente, dá esta explicação ao seu médico:

«Tu ne comprends pas q'un Lyautey ne pouvait pas claquer à Taza?! Un Lyautey ne pent mourir qu'á Fez, ville impériale».

Não morrer de qualquer forma, num lugar qualquer...

Morrer assim, à maneira de Lyautey: *imperialmente*...

Ter uma morte «imperial».

*
* *

Grandes vidas acabam sempre em grandes mortes.

Como D. Sebastião em Alcácer...

Como César, no Senado, quando Bruto o apunhalou...

A morte de todos os que viveram cumprindo...

Acabar no seu pôsto — no pôsto que Deus nos marcou na vida — é ainda o melhor lugar para se acabar bem, para se morrer bem.

Trabalhar tôda a vida por uma morte assim. Merecê-la.

Despedir-se a gente da vida a dizer *SIM* à morte que chega. Um *sim* alegre e corajoso.

*
* *

Depois, à sombra de uma cruz, à beira de um cipreste, uma lousa simples, sem mais outra indicação a servir de epitáfio, do que esta: *Cumpriu!*

Todos os dias a morte leva quem não acabou a tarefa que lhe competia.

Todos os dias morre gente, tanta gente! — que precisaria ainda de tanto tempo para deixar bem feita a obra que devia ter feito já na vida...

*
* *

Também se morre quando se tem quinze... desoito... vinte anos...

Se Deus quizesse que fôsse agora, mereceria que esculpissem a oiro na pedra da minha sepultura, aquela palavra magnífica: *Cumpriu?*...

Vale, vale a pena viver heròicamente, para se ter, no fim, uma morte... *«imperial»*.

G. A.

NOTÍCIAS DA M.P.F.

I

II

III

No passado dia 3 de Abril, realizou-se no Centro n.º 20, com sède na Escola de João de Barros em Lisboa, uma festazinha simples e despretenciosa, mas que apesar disso não deixou de patentear, indiscutivelmente, o ideal seguido dentro da M. P. F., numa compreensão perfeita e consoladora. Esta festa encerrou com chave de ouro um Concurso Literário levado a efeito entre as filiadas do Centro, que incitou as raparigas à cultura das Letras Portuguesas e serviu de pretexto para as confraternizar, estimulando-as a marcar briosamente um lugar de relêvo e também para estreitar os laços de camaradagem e amizade que já existiam numa perfeita comunhão de princípios.

Logo que foi lançada a ideia, choveram os mais variados trabalhos com uma certeza de compreensão e entusiasmo, num alvorôço de corresponderem à confiança que nelas se depositara. São assim as filiadas da M. P. F. e as do Centro 20 orgulham-se de não ir contra o objectivo da organização a que pertencem. Tôdas compreenderam o que se pedia — tôdas responderam à chamada sem hesitações! E se mais nada resultou desta ideia modesta, ao menos as nossas raparigas foram obrigadas a meditar, insensivelmente, num Ideal mais alto, mais profundo, mais belo — mais cristão, numa palavra. A filiada da M. P. F. tem a responsabilidade da sua missão: procura, insatisfeita, a luz da Verdade, sofre — se tal fôr preciso — para afastar os espinhos, que impeçam essa jornada de fé, segue o mesmo Ideal

nobre, comum a todos os corações, o verdadeiro, o único: sabe cumprir! Sabe cumprir, educando a vontade, consenciosamente, com a noção nitida das responsabilidades; sabe cumprir vencendo os obstáculos; sabe cumprir atingindo a ambição sonhada — sabe cumprir, porque assim o quere!

Não se pretende consagrar êste ou aquele trabalho; existiu apenas um incitamento para «mais e melhor», compreensivel entre espiritos juvenis, sequiosos de horizontes novos e sádios, numa ambição justa de adquirir sempre o possivel... e o impossivel, por vezes.

Dignaram-se assistir a esta festa as Ex.^mas Senhoras Comissária Nacional, D. Maria Baptista Guardiola, a Comissária adjunta D. Fernanda d'Orey, a Delegada Provincial da Extremadura, D. Alice Guardiola e algumas outras Senhoras Dirigentes que, com a sua presença, encheram de alegria todos os nossos corações, que as acompanham, para com a sua união, tornada fôrça imperiosa, ajudarem a dignificar a Mulher Portuguesa de amanhã, a erguer mais alto ainda, numa apoteose magnifica e incomparável, o nome glorioso da Terra Portuguesa.

Foi uma tarde de alegria consoladora, decorrida num ambiente familiar e risonho. Entre a assistência, viam-se algumas filiadas, ex-alunas daquele estabelecimento de ensino, que confraternizaram alegremente e recordaram mais uma vez, com carinho, os ensinamentos recebidos no «seu» Centro. A-pesar-de já seguirem outros rumos em cursos superiores, não olvidam fàcilmente a casa onde aprenderam a ser Mulheres. Êste facto é uma prova da maneira como é compreendida a Mocidade nêste Centro, que vai realizando uma obra modesta, sim, mas fortalecida por vontades firmes, numa esteira de Luz, que conduzirá a um Futuro melhor, preparando as suas filiadas para uma nobre missão a cumprir. Quem vos escreve estas linhas já não pertence ao Centro n.º 20, porque a vida não pára e agora é uma filiada universitária. Não esquece, porém, os ensinamentos lá recebidos e dedica ainda a êste Centro, com o maior carinho, uma actividade constante, se bem que modesta.

Continuando a falar-vos na festa pròpriamente, dir-vos-ei ainda mais algumas palavras. Todos os números do programa foram integrados no ambiente — Mocidade. Assim, ouvimos algumas palavras pela Ex.^ma Senhora Directora do Centro, seguidas por breve explicação do objectivo do Concurso Literário, pela filiada da M. P. F., que vos narra esta noticia. Grupos de infantas e vanguardistas executaram números alegres do folclore português e procedeu-se à distribuïção de prémios atribuidos às filiadas concorrentes, cujos trabalhos foram distinguidos, lendo algumas delas essas composições.

Como se vê, nada mais simples e despretencioso!

A terminar esta primeira parte, a Ex.^ma Sr. Comissária Nacional honrou-nos dignando-se proferir algumas palavras que tôdas ouviram com o máximo agrado e que, calando fundo nas nossas almas, fortaleceram em nós a vontade firme de seguir cada vez com mais entusiasmo pelo caminho alto e luminoso do Ideal da M. P. F.

Mas as nossas raparigas não se dedicam ùnicamente à cultura intelectual. Exibiram-se depois em números de ginástica e dois jogos. Cultura fisica que as prepara para serem Mulheres saüdáveis e fortes, certeza de futuras gerações vigorosas e sádias.

Queremos raparigas desempoeiradas, conscientes e sensatas; queremos raparigas de boa vontade, compassivas e boas, alegres e sinceras; e, acima de tudo, queremos cristãs fervorosas, que ajudem a elevar bem alto a cruz de Cristo, para que todo o mundo veja êsse clarão de fé inquebrantável, que será sempre o nosso melhor troféu, o único por que merece a pena desbravar caminhos espinhosos, rasgando as mãos exangues, mas patenteando sempre um sorriso triunfado nos lábios.

«Uma filiada da M. P. F.»

IV

I — Um dos números de ginástica executados na festa.

II — Distribuïção dos prémios pela Ex.^ma Comissária Nacional.

III — Em saüdação.

IV — Um jôgo animado!

Fotos: MARTINEZ POZAL

GUIDA

RAPARIGAS DE HOJE

Dia de anos

NA sala que duas amplas janelas inundavam de sol e pelas quais se avista o zimbório da Estrêla, Guida atarefada sacudia as almofadas, punha jarras com flores, abria o piano, ia de corrida à cozinha ver como cozia o grande bolo que estava no fôrno e recomendava mais uma vez a Catarina, a cozinheira que há vinte anos está na casa, desde que os pais de Guida casaram, lhe fizesse uns *scones* muito bem feitos.

— Está bem, menina, vá descansada, eu que tenho feito tantos bolos para os chás da mamã, não hei-de saber fazê-los para as suas amigas? Isso até me parece mal.

— Não te zangues, Catarina; é que êste chá é para mim qualquer coisa de diferente.

E naturalmente que assim era. Guida fazia nesse lindo dia de Fevereiro, dia quente de sol, 16 anos!

Dias antes tinha sido discutido em família como se festejaria o dia dos anos de Guida. Ela pediu para ir ao cinema, mas a avó, D. Maria de Vasconcelos, que viera propositadamente da província, da sua bela casa do Minho, discordou dêsse parecer: — Minha, filha lembra-te que o dia dos teus anos, é uma alegria para todos nós e festeja-o com os que te estimam!

D. Elena, a Mãe de Guida, concordou dizendo:

— A avó tem razão, Guida. E, sabes, minha filha, o que eu pensei? Gostava de conhecer as tuas companheiras de estudo, as tuas amigas do liceu, porque afinal só conheço a Luz que às vezes vem estudar contigo. Convida-as para um chá.

Mais uma vez a distinta e elegante Mãe de Guida, que junta ao seu requintado aspecto de elegância um tão grande bom senso, conciliava o gôsto da avó e dava à neta a variante dum chá muito seu e que lhe permitiria, a ela, tomar conhecimento com essas pequenas, que podiam ser boas ou más companhias da filha.

Guida preparou com entusiasmo êsse chá, que a alegrava por receber as suas próprias relações e não atender às da Mãe.

A hora aproximava-se; foi ao quarto, o seu lindo quarto côr de rosa, e sentada em frente do toucador de folhos de organdi côr de rosa penteou a farta cabeleira castanha e mirou o rosto redondo e rosado, dominado por grandes olhos castanhos, no espelho sem moldura pregado na parede, e pela primeira vez notou que era bonita! Sorriu com a sua bôca franca de lindos dentes, tirou o avental de chita que pusera sôbre o vestido de lã *angora* verde amendoa, presente da Mãe nesse dia, e foi à janela chamar a irmãzinha, Maria Adelaide, que com os irrequietos seis anos não parava de apanhar flores no jardim.

— Vem, são horas.

A pequena, encantada da importância de ajudar a irmã, correu ao quarto e aproveitou para mirar com

Guida quis ela própria fazer um dos bolos para o chá...

encanto as prendas, que estavam sôbre a mesa de estudo de Guida.

Um estôjo com duas perolazinhas para as orelhas, prenda da avó; um estôjo com uma esplêndida caneta de tinta permanente, do pai; um livro «Pour les vingt ans de Colette», do João Manuel, o irmão mais velho, estudante aplicado, que está já fazendo preparatórios para engenharia; e num canto da janela, dormindo num cestinho, o gatinho tigre com laço vermelho, que ela lhe dera.

Maria Adelaide tem o delírio dos bichos, e, depois de muita insistência e muitos cochichos com o pai, conseguira que a Mãe deixasse presentear a irmã com o gatinho, que ela há tanto desejava.

— Que nome lhe havemos de pôr, Guida?

— Há-de chamar-se *Kiss*.

— Não lhe ponhas nomes estrangeiros, Guidinha, sabes... eu gostava que fôsse *Tareco* como aquêle gato que tinham as vizinhas e era tão engraçado.

— Oh! que nome tão «possidonio» que tu lhe queres pôr, Guidinha, que horror!

— Olha, eu dêsses «possidonios» não entendo nada; eu dei-te o gatinho, também é um bocadinho meu, gosto de *Tareco*, e hei-de chamar-lhe assim.

E muito vermelha olhava Guida, já um pouco amuada. Esta riu e disse:

— Pois sim, chama-lhe o que quiseres.

Esta Maria Adelaide está estragada com mimo, por

todos. Pais, avó, irmãos, criadas; mas ela é tão engraçada, e tem sido a boneca de tôdas. Se não fôsse o senso educativo da Mãe, acabaria por perder tôdas as boas qualidades que possui.

Uma campainhada sôa e ambas correm para a sala a receber as visitas. Introduzida por Rosa, a criada de fora, entra Joaninha. Uma pequena alta, esbelta, com uma cabeleira frisada com tons doirados, uma cara adorável de serenidade, um olhar espiritual, vestida muito simplesmente de azul escuro com um colarinho branco.

Guida abraça-a:

— Logo vi que eras tu a única pontual, tu és sempre a primeira em tudo Joaninha, nas notas e na pontualidade.

O «Tareco»

— Não digas tolices, é porque moro talvez mais perto.

— Eu sou a Maria Adelaide, diz a pequena, um pouco despeitada por não fazerem caso dela.

Imediatamente Joaninha a beija e começa uma grande conversa com ela; habituada a muitos irmãos, a encantadora Joaninha tem sempre que dizer às crianças.

Batem de novo à porta e entram Maria da Luz e Ana Maria que se encontraram na escada. Maria da Luz com o seu vestido *brique*, que lhe faz realçar os cabelos negros ondulados que emmolduram um rosto oval de olhos negros sonhadores, e linda bôca. Ana Maria pequenina e loira, um certo ar estouvado. Graciosa, num *tailleur beije*. Maria da Luz ri às gargalhas e diz:

— Cá vem a nossa Ana Maria, sempre sem sorte: enganou-se na rua e ao subir para o eléctrico deu uma canelada.

Tôdas se riem e rodeiam Ana Maria que muito séria diz:

— Vocês riem-se, mas olhem que não tenho sorte, não!

— E doi-lhe a perninha? pregunta Maria Adelaide que tem horror a dores.

Novas risadas e Ana Maria beija a pequenina dizendo:

— Tu és a melhor de tôdas não te ris das pessoas sem sorte...

— Então não falta ninguém? pregunta Maria da Luz.

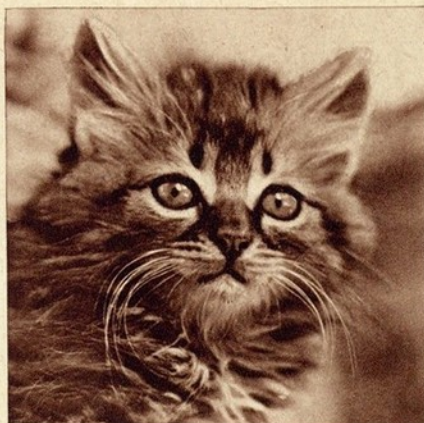
— Falta a Alda, diz Guida, como é da nossa turma também a convidei.

— Teremos então descrições da fita da moda e das dansas do Casino do Estoril... insinua Ana Maria.

— Não sejas má, Ana Maria, diz Joaninha, ela é boa rapariga, são tolices do meio em que vive.

Abre-se a porta e entra uma rapariga com o cabelo oxigenado, lábios pintados, um vestido de crêpe *Georgette* côr de morango e atitudes cinéfilas.

— Julguei que já não vinhas!

— Oh! filhas, sabem lá o que me custou a arranjar carro! Estive horas em Alexandre Herculano, vim numa plataforma apinhada de gente, só me ri porque um rapaz me disse que com boa visinhança tudo se suporta

Joaninha muito séria, diz-lhe:

— E tu riste dêsse atrevimento? A mim nunca me dizem nada.

— Pudera, tu tens êsse ar de santa e vestes de postulante...

— Deixem essas conversas e vamos tocar, diz Guida.

E o grupo iniciou um pequeno concerto. Guida acompanhou ao piano Joaninha que trouxera o violino, e ambas executaram com sentimento uma balada de Schumann. Depois, Ana Maria tocou a Rapsódia hungara. E Maria da Luz contou anedotas: a Maria da Luz com o seu ar grave, tem a especialidade das anedotas, que fazem rir todos.

A certa altura D. Elena pediu para abrir a porta da sala de estar que comunica com a sala e as senhoras tomaram parte na festinha. João Manuel chegou à hora do chá e tôdas fizeram as honras ao bolo que fez Guida e a todos os que Catarina tinha feito e estavam deliciosos. Depois do chá, D. Maria de Vasconcelos disse que quando ela era muito nova ainda se usavam jogos de prendas. Pediram tôdas que ensinasse alguns e dentro em pouco as gargalhadas retiniam — e não eram as senhoras que riam menos.

Despediram-se as meninas com agradecimentos e encantadas, mas Alda ainda disse:

— Gostei imenso de estar aqui, mas no dia dos meus anos não vos posso convidar porque vou dansar ao Estoril, é um domingo. É mais moderno do que estar em casa.

E à noite, quando depois de jantar, Guida se foi sentar no tapete encostando a cabeça nos joelhos da Mãe, disse:

— A avó e a Mãe tiveram uma idéia ótima. Afinal, desde pela manhã, que na missa comungámos tôdas juntas, todo o dia nos divertimos juntas, só o pai não pôde vir ao chá, mas tivemos o jantar em que não faltava ninguém! Que estúpida era em querer ir para o cinema!

— Ah! isso eras, disse a Laidinha, que sentada no chão com o gatinho no colo afagava a prenda que tinha dado à irmã, um sítio onde a Mãe me não deixa ir, não deve ser bom!

— A Mãe gostou das minhas amigas?

— Muito da Joaninha; da Luz já gostava muito, já a conhecia; a Ana Maria parece uma boa pequena, mas ressente-se de estar longe da família, sabes... a Alda é que me não agradou.

— Oh! Mãe, não diga isso, disse o João Manuel. Eu achei-a muito interessante; para minha irmã não gostava, mas como rapariga dá nas vistas.

D. Elena, com tacto, mudou a conversa, mas no seu coração de Mãe uma sombra se começou a desenhar: é que de tôdas as pequenas a única que não quereria para nora seria Alda, apesar de ser rica.

E ao deitar-se, Guida, pensando no dia dos seus anos sorria encantada: pela primeira vez sentira que já era uma senhora e tivera a impressão que recebia na *sua casa* as suas amigas.

Maria d'Eça

NOSSA SENHORA, MENINA E MOÇA

«Murillo» — Educação da Virgem

MENINA e Môça era Maria, quando aos primeiros alvores de 25 de Março de há tantos anos que já lá vão, lhe enviam do céu alta mensagem.

Trata-se da maior revolução que jámais viram os séculos; vai fixar-se o centro da história, para onde têm que convergir absolutamente tôdas as idades passadas e futuras.

E' Deus a restaurar a sua obra que os homens uns após outros lhe tinham atirado para o abismo e feito ruir no caos.

A revolução vai dar-se assim: retumbará de novo poderosa a Palavra do Senhor, que no princípio sôbre a imensa vastidão da treva e do vácuo, a um império seu, criou do nada tôdas as coisas.

Para tanto, eis o primeiro passo: desce do céu à terra um príncipe da glória, Gabriel, a tratar da colossal emprêsa com uma virgenzinha, Menina e Môça ainda. Nada mais se requere: basta uma palavra, um sim desta Mocinha e tudo se fará. Germinará Deus na terra. O mundo salvar-se-à.

Vôa pois, o Anjo a Nazaré.

Nazaré não avultava muito nem no espaço nem na história, mas era o brinco, o jardim da Galilea; ficava-lhe bem o nome de Nazaré: florida.

Reclinada no monte em manso declive, sorria na brancura das suas casas alvinitentes, por entre a gaia folhagem das vinhas, limoeiros, romanseiras e o verde austero e empoeirado dos olivais. Este final de Março inundando-a de luz e côr e de trinados, e aromatizando-lhe o céu anacarado e diáfano, tornava-a ainda mais Nazaré; fazia dela uma epopeia triunfal da Primavera.

A Leste, na vertente sul, a modesta vivenda aonde o Anjo se encaminha. Vivenda muito simples como a maior parte das casas Nazaretanas: à frente, em pedra calcárea, a divisão principal, suficientemente ampla; na parte posterior cavada na rocha, uma gruta, recinto mais recatado da habitação.

Neste recondito se encontrava Maria, em profunda oração, ao chegar o Anjo. Meditava naquela profecia de Isaias em que se nos revela que uma virgem será mãe de um filho, a quem chamará Deus-connosco. *E Maria, no encanto da sua mocidade imaculada, suspirava assim: «Ah! se eu pudera ser a escravazinha dessa virgem-mãe!»*

Nisto ilumina-se-lhe todo o recinto de luz que não ofusca, mas brilha mais que o sol: é o Anjo a mostrar-se-lhe visivel. Radiante de júbilo, saúda a Gabriel com tôda a suavidade e reverência: «Avé cheia de graça, o Senhor é contigo, tu és bendita entre as mulheres!»

Nunca de lábios angélicos se escutaram palavras de tão subido encómio a uma simples criatura humana. Mas Gabriel tinha diante de si o maior prodigio de inocência que jámais vira na terra.

Tanta menina e môça por essa Galilêa, por êsse mundo àlém! No frescor e encanto dos seus anos em flor, deviam causar inveja lá em cima às estrelinhas, que são as flores do firmamento. Mas eis que esmurecem, se ofuscam, diante da graça desta Menina, como se ofuscam e esmurecem as estrêlas, ao brilhar o sol.

«Murillo» — Anunciação

Longe estava Maria, tão humilde e escondida a seus próprios olhos, longe estava de esperar uma tal saüdação e perturbou-se, considerando o que aquelas palavras poderiam significar.

«Não temas, Maria — assegurou o Arcanjo, sossegando-a. — Não temas; eis que conceberás e darás à luz um filho e chamar-lhe-às JESUS. Será grande e denominar-se-à Filho do Altissimo e dar-lhe-à o Senhor Deus o trono de seu pai Davide; reinará na casa de Jacob para sempre e seu reino não terá fim».

Estava deslindado o enigma. Maria, conhecedora das Escrituras, compreendeu imediatamente do que se tratava. Era Ela a predestinada desde tôda a eternidade por Deus para ser a sua Mãe, a aurora da redenção, a corredentora do género humano. E por isso é Ela também a glória de Jerusalém, a alegria de Israel, a honra do nosso povo.

* * *

Menina e Môça é ainda tôda esta linda ala de luz e asas: a Mocidade Portuguesa Feminina. Apareceu há pouco, como por encanto, nesta Nazaré, neste «jardim da Europa à beira-mar plantado».

Foi em momento trágico para a terra; momento de preocupações angustiosas também para Portugal. Os homens mais uma vez atiraram o mundo todo para um caos de sangue e fogo e de ruïnas. Está provada, trágica e sarcàsticamente, a ineficácia de todos os seus esforços gigantescos para o salvarem e se salvarem do abismo.

Não há remédio: é mister que de novo sôbre águas tão apocalipticamente revoltas perpasse o espirito do Senhor. E' mister que dominando o estrondo ensurdecedor dêste cataclismo infernal, outra vez retumbe possante e redentora a Palavra de Deus, descendo à terra como que em nova incarnação. E vêr-se-à então no universo o reino da justiça, da paz e do amor. Uma condição apenas: que outra vez sôbre a terra haja algures uma Nazaré e nela o frescor imaculado e santo de Menina e Môça a quem Deus possa enviar seu Anjo a tratar da colossal emprêsa.

Ah! eu quero convencer-me que êsses algures, essa Nazaré existe: é Portugal. E essa Menina e Môça de frescor e graça imaculada, porque não? tem que ser a linda ala de luz e asas: a Mocidade Portuguesa.

Poderá descer o Anjo?

Menina e Môça era Jacinta, quando em 1916 baixa até junto dela, de sua prima e de Francisco o mensageiro celeste. Falou assim:

«Não temais. Sou o Anjo da Paz. Orai comigo... Os Corações de Jesus e Maria estão atentos às vossas súplicas... Que fazeis? Orai, orai muito! Os Corações de Jesus e Maria têm sôbre vós designios de misericórdia... De tudo o que puderdes oferecei um sacrificio em acto de reparação pelos pecados com que (Jesus) é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores. Atrai assim sôbre a nossa Pátria a paz. Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal».

Que o Anjo do Senhor continue a adejar bonançoso sôbre a Mocidade Portuguesa.

«Murillo» — Maria, Menina

Com quem há de contar a Providência na terra, para a restauração do mundo se não em primeiro lugar com a Mocidade? Não é dos seus campos floridos que o lavrador espera abundante colheita de frutos ao chegar da messe?

E se a restauração universal a inicia Deus nesta hora por êste seu Portugal — antes de mais ninguém, é com a Mocidade Portuguesa que conta a Providência para a grande ressurreição do mundo.

A Mocidade Portuguesa, tôda ela Menina e Môça ainda, estará à altura da sua missão, se sôbre ela puder descer do céu o Anjo a dizer como outrora em Nazaré a Maria Santissima: «Avé cheia de graça; o Senhor é contigo!»

Mocidade fecunda, manancial de vida e ressurreição dos povos e do mundo, só a Mocidade cheia de graça: *graça fisica na pureza do viço e do sangue, indicio inconfundivel de outra graça mais profunda, a graça moral: a pureza do coração e da alma.*

Mas, ainda mais e sobretudo: Mocidade cheia de graça sobrenatural, *dêsse dom — vida divina — que nos enxerta em Cristo e nos faz consortes da natureza de Deus. Graça recebida no baptismo, restaurada na penitência, aquilatada até transbordar, na oração, na comunhão, no sacrificio, nas boas obras.*

Menina e Môça, ala de luz e asas, Mocidade Portuguesa, sê assim cheia de graça, que o Senhor será contigo! E enquanto ao vento desfraldas o pendão das Quinas, das Chagas de Cristo, outro pendão mais belo, mais branco e imaculado vais desfraldando à luz do sol e da Glória, a tua alma cheia de graça, onde mais do que as Quinas, vai Cristo vivo em pessoa, para que o dês a Portugal e através de Portugal, ao mundo.

Menina e Môça, cheia de graça, o Senhor é contigo!

Neves Monteiro

CENTRO UNIVERSITÁRIO

Descanso depois do almôço

Subindo as dunas

Passeio à Caparica

DOMINGO de manhã. O tempo muito cinzento, indecifrável, quási esfíngico não nos deixava adivinhar se íamos ter um dia de sol ou se nos veríamos obrigadas a adiar o nosso projectado passeio. Sempre na incerteza dirigimo-nos para Belém, local indicado para ponto de partida. Depois das dez horas o vento começara já a afastar as núvens umas das outras e aqui e além apareciam bocadinhos de azul do céu que nos davam um pouco mais de esperança.

A's dez e meia partem de Belém em direcção à Trafaria vinte e tantas raparigas acompanhadas pela Directora de Centro Sr.ª D. Maria Teresa Navarro e pela Sr.ª D. Beatriz Rebêlo. Depois da travessia do Tejo, espectáculo sempre novo e admirável mesmo quando muitas vezes repetido, inicia-se a marcha. As interrupções sucedem-se motivadas por mil e uma causas. Agora é uma paisagem maravilhosa que nos dá a impressão de que estamos fora da terra, de que subimos nos ares e daí admiramos as casas, as árvores e o mar — é a Caparica. Retoma-se o caminho.

Deixamos de ver o mar e metemo-nos pelos campos subindo e descendo montes.

Aproxima-se a hora do almôço. O sol que já descobrira obriga-nos a procurar a sombra dumas árvores para aí se comer; segue-se depois uma meia hora de repouso que algumas aproveitam para jogar e brincar. É novamente nos pomos em marcha. O caminho é agora menos difícil e começam a ouvir-se as primeiras cantigas. Dentro em pouco deixamos os campos para nos dirigirmos para o mar, caminhada que nos proporciona mais um espectáculo diferente daqueles que durante o dia admiramos — as dunas.

Chega-se enfim à praia e a alegria aumenta ainda; a volta para a Caparica faz-se sempre pela beira do mar e da Caparica à Trafaria a viagem é de camioneta. Mesmo já dentro do barco e apesar da chuva que caiu durante a travessia o nosso entusiasmo não diminuíra ainda.

E ao desembarcar sentiamo-nos tôdas felizes, algumas um pouco cansadas, mas tôdas satisfeitas e intimamente agradecidas por aquele dia belíssimo passado em contacto com a natureza, admirando-a e sentindo todo o seu encanto.

Elia Serra Pereira — Filiada n.º 9201

Centro 65

A 30 de Janeiro realizou na sêde do Centro — Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho — uma pequena palestra sôbre a Obra do Padre Américo, em Coimbra, a Assistente Social Maria Luiza Ressano Garcia. A palestra, que melhor chamaríamos «conversa», despertou grande interêsse entre as filiadas, como aliás acontece sempre com assuntos de carácter social. Haja em vista a impressão causada, no ano findo, pela visita ao Bairro Social da Quinta da Calçada.

Em Fevereiro, aproveitando uma tarde de sábado, foi um grupo de filiadas dar um passeio à Serra do Monsanto. Visitaram o Jardim Botânico da Ajuda e acabaram a tarde na Tapada, em franca alegria.

São tónicos o ar livre, o sol, as caminhadas, para quem trabalha intelectualmente.

O mês de Março decorreu normalmente. No primeiro sábado realizou-se a visita de estudo ao Museu em que tomaram parte 19 filiadas.

No domingo, 21, houve grande excursão: 22 filiadas com as duas directoras do Centro partiram logo pela manhã em direcção à Caparica, donde regressaram já perto das 8 da tarde, tendo andado para cima de 12 quilómetros.

Nas aulas da moral, falou-se da vida e da obra de Ernesto Psichari, e da Obra do Ardina, que, para as universitárias tem especial interêsse, visto ter dado os primeiros passos por ocasião dos almoços que as ditas filiadas costumavam cozinhar aos domingos de manhã, com tanto entusiasmo e espírito de sacrifício.

2.ª Sessão Cultural

As filiadas da M. P. F., da Faculdade de Ciências de Lisboa, realizaram, num ambiente familiar, a 2.ª sessão cultural da série de sessões promovidas pelo Centro Universitário, no dia 19 de Dezembro de 1942.

Abriu a sessão um grupo de filiadas, da referida Faculdade, que entoaram o hino da Mocidade Portuguesa.

O programa constou de 3 partes:

Na primeira, puramente cultural, uma aluna da Faculdade de Ciências fez uma palestra sôbre o tema: «A Evolução». Nela focou a doutrina evolucionista através dos tempos, desde Anaximandro de Mileto e Empédocle até aos nossos dias. Para facilidade de exposição, acompanhou o seu trabalho de projecções elucidativas.

A segunda parte, constou dos seguintes números: recitações, canto e algumas considerações sôbre Braahms, às quais se seguiu a interpretação da Dança húngara n.º 5, do mesmo autor.

Finalmente, a terceira parte, puramente recreativa, constou duma representação da paródia a «Ceia dos Cardiais», intitulada: «A ceia dos catedráticos», escrita por uma filiada, e dum número regional de dança: «Fogueiras de S. João».

Para a realização dêste programa, muito contribuiu a boa vontade de tôdas as filiadas da M. P. F., da Faculdade de Ciências, que, num espírito de franca camaradagem, dispenderam o seu esfôrço como escritoras, ensaiadores e intérpretes dos números apresentados.

Maria Corinta Ferreira Fontes de Melo (Centro 65)

«SI nadie existe sino como ejecutor de una tarea se alcanza precisamente la personalidad, la unidad y la libertad propias «serviendo» en la armonia total».

É servindo numa hármonia total que se é aquilo que é, ou antes aquilo que se deve ser.

São para ti, universitária, estas palavras dum mártir da Nação irmã... Só na harmonia plena — que não consente mutilações, só num render total que exclue a diminuição — se realizará uma vida intensamente vivida.

A harmonia total do servir exige de ti o cumprimento, em unidade, do dever de rapariga, do dever de universitária, do dever de cristã.

A personalidade, a unidade, a liberdade não são palavras vãs, exigem-te. Falharás, universitária, se fôres meio-universitária, isto é: universitária em percentagem mínima...

Falharás como rapariga, como cristã se não cumprires em harmonia total...

Se não renderes, se tu, universitária, elemento dum escol, falhares cobardemente, traírás a harmonia total das harmonias intelectuais e espirituais, harmonias vivas de outras vidas...

A coerência do «servir» exige uma harmonia total da tua vida...

Uma universitária da M. P. F.

Terceira visita ao Museu Nacional de Arte Antiga...

TERCEIRA visita ao Museu Nacional de Arte Antiga.

Mas antes de realidades artísticas atirarei aos ventos e à escrita com verdades amargas mas... reais também.

Pecado velho... rotineira mania esta se «fazer concha» num curso, fechar os horizontes largos duma vida plena, de seiva intelectual para se reduzir a cultura viva a livrescos catrapázios que se «empinam», a vergonhosas e tradicionais sebentas que se decoram...

Não abrimos janelas largas de almas intelectualmente cheias de sêde, de verdade; não, fechamo-nos num cubículo escuro, onde o ar viciado do «nosso saberzinho» nos sufoca, onde as grandes alegrias da conquista feita palmo a palmo, com deduções pessoais, com sangue íntimo, não existem.

É-se assim porque já se é ou... porque os outros são; tem-se esta ideia porque os outros têm e não porque se quere ser como se é ou pensar como se pensa — ser igual a si mesmo, pensar por conta própria...

É pecado velho... a lei do menor esfôrço. É pecado velho o «saber sebenteiro» que se não purificou, que se não arejou em encontros sãos com a natureza, em convívios íntimos com a arte, em contactos vivos com a estética...

Por isso fóra com o ritual antigo das sebentas, só «pelas sebentas» do «saberzinho impessoal» só por... uma posição cómoda na vida, onde se trabalhe pouco, se ganhe muito, para se viver bem.

Fóra com ritos antigos, tradicionais e balofos.

Mas abandonem-se as verdades amargas...

Realidades artísticas... que excitam um desejo de cultura, que despertam interêsse pela expressão artística.

Objecto de contemplação e estudo — miserável de estudo de quem não é artista ou técnico — foram as escolas de pintura alemã e espanhola. Sob o ponto de vista influências estranhas na pintura espanhola foi-nos mencionada a influência italiana e flamenga.

A influência italiana em Espanha é profunda, quási poderemos dizer que a Itália foi uma das grandes tentações da Espanha.

«A Virgem e o Menino» de Luís de Moralles é uma presença que marca influências italianas.

«Sentimos» a escola dos tenebrosos da qual Ribera é um dos grandes mestres. Sob um fundo negro, numa magia de luz o pintor fixa claridades intensíssimas. O seu «S. Francisco de Assis» é uma bela manifestação do tenebrismo espanhol. Zurbáran e Murillo, são também grandes artistas, mágicos da pintura.

Murillo no «Casamento Místico» «marcou» para nós, teve preferência. Hobbein, Cramack e Dürer ficaram-nos a defenir a pintura alemã.

E... universitárias «já que entrei» não se me escusa terminar... horizontes novos, cultura viva, ad lucem...

Uma filiada do centro 65

Lá vamos, cantando e rindo...

SIM! *Cantando e rindo,* tomadas da alegria, que é atributo da vossa idade, rindo para a Natureza, para quanto vos rodeia e vos sorri, numa promessa, só por vós interpretada, de satisfação das mais gratas aspirações.

E lá ides, *cantando e rindo*... da infância para a juventude, na sucessão dos dias, caminho dos anos, que vos mostram a vida, na verdade do seu profundo significado.

Deixa, então, a vida de ser promessa... é certeza; já não é sonho... fez-se realidade! Mas vós continuareis *cantando e rindo,* cheias duma alegria melhor, porque se tornou consciente, inalterável, permanente, e tá em vós morrerá convosco. Sabeis porque cantais e rides... já não são os olhos, deslumbrados pela claridade, que à Natureza dava, na vossa juventude, côres de fantasia, os agentes da vossa irreprimível e comunicativa alegria. Deslocou-se dêles, para o cérebro e o coração, a razão por que seguis, *cantando e rindo*... inverteu-se a origem dessa ventura — já não vem das coisas e dos seres, de fora para dentro, como antes, parte do cérebro e do coração para umas e outras, para tudo quanto vos cerca. A própria designação do motivo que vos deixa prosseguir, *cantando e rindo,* sofreu alteração — já não é alegria, como expressão dum estado psicológico, a palavra que traduz o prazer de viver, porque a vida se vos apresenta naturalmente bela; chama-se sentido do dever a satisfação íntima de dar à vida a beleza moral, que a torne digna de ser vivida.

Atingiu-se, a partir dêsse momento, o superior objectivo da vida — dever da nossa comparticipação na obra colectiva e anónima do seu aperfeiçoamento moral, obra de tal modo trabalhosa e vasta, que nem uma só vontade pode desprezar-se, se a queremos realizada na multiplicidade dos seus delicados aspectos.

Segui, *cantando e rindo*... não vos esqueçais, porém e por um instante sequer, que essa desejada e necessária colaboração se não torna possível, sem uma preparação equilibrada e completa; e esta habilitação estais a fazê-la, hoje, no ambiente da escola, para que a luz do saber, iluminando o vosso espírito, lhe dê plena compreensão da tarefa que vos cabe, vos possua da mais exacta noção de responsabilidade presente e futura, porque vós sois, para glória do vosso sexo, obreiras duma construção histórica e, por isso mesmo, eterna — a sociedade do amanhã nacional, depurada dos perigosos erros de que sofre, ou ainda mais achacada de males, segundo a vossa capacidade e inteligência para a criar.

Será tôda ela obra do vosso cérebro e do vosso coração, efeito da concepção, mais ou menos perfeita, que da vossa missão tiverdes, resultante da forma como a houverdes cumprido — missão tão séria e decisiva na vida de qualquer povo, que o hino simbólico da vossa Mocidade a canta, como esperança segura dum Portugal Maior:

> Pátria! serás celebrada,
> E por vós serás erguida,
> Erguida ao alto da vida!

LUSÍADA

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

Carta às Raparigas

Tenho a pretenção de julgar, queridas Infantas, Lusas, Vanguardistas, que não sou para vós uma desconhecida. Porventura não terão lido as minhas «*Quatro Raparigas?*» «*Alvoradas?*» «*Brianda?*» a «*Prima da América?* *Etc., etc.?* Se cito êstes meus livros, escritos apenas para **servir** as raparigas portuguesas, é para me **apresentar** a vós tôdas como uma amiga já velha e que pretende... ser considerada como tal pelas queridas leitoras desta Página.

Todos os meses, nesta coluna, podereis, se isso lhes der prazer, comunicar comigo: às vossas preguntas, às vossas dúvidas, às vossas observações, aos vossos pedidos, aos vossos desabafos, eu responderei sempre com gôsto.

E muitas vezes, decerto, terei o prazer de publicar as vossas cartinhas, se isso me parecer de interêsse para as leitoras da Página. Mas desde já lhes peço que sejam sempre bem *sinceras* nas vossas palavras; pois eu detesto, confesso-o claramente, tudo o que seja *artifício* e afectação. Vivemos, bem sei, numa estranha época em que o Artifício domina...

Imita-se a pedra, a sêda, a lã, o linho, as flôres; os cabelos, as faces, as unhas cobrem-se de côres diferentes das naturais: tudo se simula, tudo se disfarça. Mas se tudo isso se tolera, (embora nem todos o apreciem) há uma coisa em que não pode nem deve entrar, nem ao longe, o artifício: é nas *almas das raparigas!* Que essas sejam sempre límpidas, claras, impregnadas de sinceridade absoluta.

Aqui me tendes, pois, queridas raparigas da M. P. F.; e é com verdadeiro alvorôço que espero as vossas cartinhas mensais para que eu bem possa penetrar nos vossos espíritos juvenís!

Maria Paula de Azevedo

UMA FAMILIA PORTUGUESA

À minha sobrinha Anna Rita de Mendóça Folque

I

O dr. Almeida, médico naquela aldeia, não pudera salvar-se; uma angina de peito, fulminante, prostrara aquêle homem forte, duma coragem admirável, uma ciência sólida, um bom humor que a todos cativava...

E em volta da velha cama de pau santo onde o haviam deitado, o grupo da viuva e dos filhos impressionava pela sua expressão de dôr profunda...

D. Maria da Luz, pálida e sem lágrimas, ajoelhara junto ao corpo do marido; e, com os lábios colados às mãos que tantas vezes a acarinhavam, ali estava, havia horas, rezando baixinho. As duas filhas, Helena e Francisca, choravam encostadas uma à outra. Helena, alta e aloirada, tinha 18 anos; Francisca, baixa e morena, fizera os 17 naquele mesmo dia, que a morte súbita do pai entristecia para sempre. Os rapazes, entre os 10 e os 20 anos, eram sete: Alberto, João, Mário, Manuel, Joaquim, Hugo, Pedro.

Quanta falta ia fazer-lhes o pai, que era, a um tempo, o Mestre, o Amigo, o Guia, o Companheiro...

Pedro, o mais velho, já começava a sentir a enorme responsabilidade que de repente caía sôbre os seus ombros, tão fracos ainda para a vida! Ia ter de consolar a mãe, amparar as irmãs, educar os irmãos...

Hugo tinha 16 anos; o seu carácter era firme e enérgico e para êle as dificuldades serviam sempre de estímulo aos seus actos. Joaquim tinha um temperamento diferente dos irmãos: o espírito aventureiro e estranho para os seus 15 anos... Manuel era gémeo de Mário: dois belos rapazes de 14 anos, sempre alegres e de boa saúde. Enquanto João, com 12 anos, loiro e franzino, ficara sempre o alvo dos cuidados de tôda a família; e Alberto, o mais novo, era gôrdo e são como poucos.

Passados alguns dias depois do entêrro do pai, Pedro reüniu os irmãos, e, enquanto a mãe descansava sôbre a cama, forçada a isso pelos filhos, Pedro começou:

— Rapazes e vocês duas, Francisca e Helena, olhem que temos de ter grande cuidado na Mãe, coitadinha! Está tão diferente do que era...

— O que mais me preocupa, sabem vocês, ainda não é tanto a sua magreza e a sua palidês: é a falta de energia! — disse Francisca.

Alberto desatou a chorar, agarrado a Helena, e gritou:

— Eu não quero que a Mãe morra! Eu não quero que a Mãe morra!...

Helena abraçou-o ternamente, com os olhos cheios de lágrimas.

— Não grites, Alberto — continuou Pedro — a nossa mãe está a dormir e podes acordá-la. Vocês são todos umas crianças, bem sei; mas eu, que sou o mais velho, tenho de os pôr ao facto de vários assuntos importantes. Vocês sabem que o Pai trabalhava o mais que podia, coitado...

— Para nos educar e nos deixar alguma coisa... — murmurou Hugo.

— Lembram-se da caixa de jogos que o pai nos deu quando foi para a Africa? — preguntou Joaquim.

— Como poderíamos esquecer a frase gravada na tampa?! — respondeu Francisca, recitando devagar: Lembrem-se sempre de seu Pai que está em África trabalhando para o futuro dos seus filhos.

Calaram-se um momento... Pedro tornou:

— Eu não sei ainda se poderemos continuar a viver como até aqui: vem cá hoje o primo Francisco Esteves, que tratava das coisas do Pai, para falar com a Mãe e comigo. Mas o que sei é que é preciso muito dinheiro para formar rapazes e nós somos sete! — concluiu tristemente.

— Haja o que houver, Pedro — exclamou Helena — tu não vais abandonar a medicina depois de estares já a acabar o 2.º ano.

— E tão brilhante como tem sido — disse Francisca.

— Eu gostava de ficar a viver aqui e de me fazer lavrador — declarou Mário — mas o curso de agronomia é tão grande e tão caro...

Pedro respondeu:

— Ainda é cedo para decidir. Quem sabe se podemos formar-nos todos?

— Eu quero ser professor! — disse João — adoro ensinar miúdos e já me contento em ser mestre-escola.

A solarenga casa do «Pinheiro» na aldeia risonha

Manuel e Mário levantaram-se ao mesmo tempo e declararam, sem que se entendesse o que diziam:

— Aviador!

— Agrónomo!

— E tu, Joaquim? — preguntou Pedro ao irmão, cujo feitio, diferente dêles todos, tanta vez preocupara o pai.

— Não sei... — respondeu Joaquim — vocês bem sabem que eu não adoro estudar...

— E bem desgostavas o pai por isso — lembrou Hugo.

— Não quer isto dizer que eu seja um burro — retorquiu Joaquim.

— Ninguém o julga, Quim; mas é preciso trabalhar de ora em diante, lembra-te da Mãe...

Joaquim baixou a cabeça.

— Ninguém me pregunta o que eu quero ser — disse Alberto, enxugando ainda as lágrimas.

— Tens tempo para pensar, Nico — respondeu Francisca, beijando-o.

— Eu por ora não sei bem — tornou Alberto pensativo — mas não me apetece ser nem militar, nem médico, nem advogado, nem lavrador, nem...

Riram-se todos e Joaquim disse:

— Você afinal não quer ser nada, é o que se conclue.

Mas Alberto, muito còrado, respondeu:

— Sempre hei-de ser alguma coisa, verão!

— Não ouviram tocar a sineta do portão? — interrompeu Helena, levantando-se para chegar à janela que abria sôbre um largo pátio lageado. Alberto correra para junto dela, curioso.

— É o primo Esteves! — anunciou êle, precipitando-se para a escada.

— Então breve saberemos qual é a nossa situação — disse Pedro — mas receio bem que não seja brilhante...

II

O primo Francisco Esteves era uma pessoa inconfundível. Solteirão de bons 60 anos, muito rabujento e irrascível, mas duma honestidade profunda e duma tal dedicação pela família Almeida que chegava quási à loucura!

Não havia para êle crianças comparáveis àquelas; a inteligência, a beleza, a graça, tudo, segundo a sua opinião, se concentrara duma maneira única naqueles nove primos que adorava. E, sob o seu aspecto iracundo e feroz, havia uma grande bondade.

Os longos bigodes grisalhos pendiam-lhe de cada lado da bôca, juntando-se a um princípio de barba, e eram tão compridos que um dia, em pequenina, Helena preguntou:

— O primo Francisco, os seus bigodes ainda crescem?!

O doutor Almeida entregara ao primo Esteves a administração de todos os seus haveres: a vasta propriedade que lhe haviam deixado os seus pais alentejanos, nos arredores de Montemor, o produto da sua estada em Angola durante anos e os seus ganhos de médico afamado naquela região de Leiria, onde vinham consultá-lo as famílias mais ricas da província. Além dêsses proventos tinha D. Maria da Luz Moura e Pinto trazido para o casal a solarenga casa do Pinheiro naquela aldeia risonha que constituia, um arrabalde de Leiria.

Sem tempo nem feitio para pensar nas suas finanças, o doutor Almeida descansava em absoluto na boa administração do primo Esteves; e a família vivia com largueza, embora sem luxo.

— Temos de pensar em economias, para que os nossos nove filhos tenham todos a possibilidade de ganhar a sua vida — dizia o pai muitas vezes.

E D. Maria da Luz, sensata e óptima dona de casa, concluia:

— O que tu trouxeste da tua estada em África, Luiz, basta com certeza para as formaturas dos sete rapazes.

Mas o primo Esteves rabujava sempre:

— Ponham-se a esbanjar, ponham-se a deitar pela janela fora e estão aqui estão sem nada.

— Credo, primo, não seja agoirento! — respondia D. Maria da Luz.

E o marido, sorrindo indulgente, comentava:

— Deixa-o rabujar, filha; êle sem ralhar não é gente, o nosso Francisco!

O primo Esteves, com o semblante feroz, nem sempre acalmava logo. E quando se falou na compra de mais um cavalo para os rapazes montarem e do novo automóvel «Buick» que o doutor Almeida precisava para as longas caminhadas que a sua vida exigia, o primo Esteves zangou-se deveras e gritou:

— Deixem-se de toleimas! deixem-se de loucuras! Os rapazes que se contentem com o velho «Páchá» para os seus passeios; ao menos não toma o freio nos dentes. E tu, Luiz, podes bem fazer as tuas visitas na carripana dos teus sogros!

— Tem paciência, Francisco, o cavalito vem para os garotos e o «Buick» chega amanhã do Pôrto — respondeu o doutor Almeida, sorrindo, mas com firmeza.

Quando entrou naquela manhã na vasta sala onde D. Maria da Luz e Pedro o esperavam, o primo Esteves parecia ter envelhecido de muitos anos! A morte súbita do doutor Almeida caíra sôbre êle como se uma machadada violenta o tivesse derrubado e lágrimas cobriam a sua cara rugosa, molhando os longos bigodes grisalhos.

— Prima, prima!... — murmurou êle, beijando a mão branca de D. Maria da Luz.

— Tenho de ter tanta coragem — disse ela — não posso deixar-me abater, primo Francisco.

Pedro, embora comovido, interveio:

— Vamos tratar da parte prática, temos de pensar em todo êsse rancho pequeno que tanto precisa de nós.

(Continua)

OS CHÁS DA COSTURA

Todos os mezes um grupo de alegres raparigas entre os 14 e os 18 anos, se reüniam a coser para os pobres. E essas reüniões, ora em casa duma, ora em casa doutra, constituiam um dos maiores prazeres da sua vida. Apenas se interrompiam os trabalhos para tomar chá; mas isso mesmo com pêso e medida: só era permitido o tempo de meia hora, e os manjares reduziam-se a um bolo grande e a substanciais fatias de pão com manteiga. E o certo é que ao fim da tarde muitas camisinhas, muitos cueiros, muitos casaquinhos apareciam feitos — e, durante tôda essa actividade de mãos, quando haviam também trabalhado os espíritos e as línguas!

A reünião dêste mês era em casa de Clara; e, naquela sala confortavel e simples com duas largas janelas abrindo sôbre o jardim, estavam tôdas bem instaladas no meio das flanelas, dos panos, das lãs, que tanto bem iriam fazer às creancinhas da freguezia.

CLARA (*fazendo «tricot»*) — Não me chamem filosofa, nem sentenciadora. Mas olhem que estas nossas reüniões têm-me dado que pensar... Fazem-me tirar imensas conclusões, sabem vocês?

RITA (*curvada sôbre uma camisinha*) — Tu fôste sempre assim, Clara!

Canta um pássaro: fazes comentarios!

JOANA (*troçando*) — Chia um carro...

RITA (*indignada*) — Se te julgas espirituosa, Jana, enganas-te.

CLARA (*rindo*) — Não briguem, meninas.

BERTA (*cosendo uma fralda*) — Mais vale preguntar à Clara em que é que lhe dão que pensar estas nossas reüniões.

CLARA (*grave*) — Acho que fomos bem inspiradas em nos juntarmos todos os mezes para trabalhar. Porque realmente a vida de muitas raparigas é às vezes (não digo sempre, reparem) uma vida *óca!*

MUITAS VOZES — Oca? Que queres dizer, Clara?!

CLARA — Sim, óca: o contrário de cheia, percebem? Eu acho que ao fim do dia, de *todos* os dias, deviamos pôr a mão na consciência e preguntar a nós mesmas: *o que é que o meu dia produziu hoje de bom?*

RITA (*scismatica*) — Não houve um imperador romano que considerava perdidos os dias em que não tinha feito qualquer coisa de útil?

MARIA JOSÉ — Foi *Tito*, nem mais!

JOANA (*aborrecida*) — Vocês estão massadoras hoje; que nos importa um imperador morto há séculos, e de quem a vida nada se parecia com a nossa?

CLARA — A vida, pensando bem, é sempre a mesma, Jana. A maneira de a tornar útil é que é diferente, conforme as épocas, as terras, os temperamentos...

JOANA (*bocejando*) — Foram já vêr a fita do S. Luiz? E' bestial.

RITA (*ironica*) — Nem todos apreciam o que é próprio de... bestas.

MARIA JOSÉ e CLARA (*sérias*) — Não se zanguem, pelo amor de Deus!

ALICE — Eu vi a fita: é das tais que tanto faz vêr como não vêr. Não faz bem nem faz mal.

CLARA — Eu também vi; e não gostei, sabem porquê? Porque se reduz a acontecimentos vários, sem espirito, sem elevação, sem finalidade...

RITA (*rindo*) — Lá está a Clara a filosofar!

CLARA — Quando cheguei a casa, altas horas, pensei: não valeu a pena a noitada. E já nem me lembra do enredo, imaginem vocês!

JOANA (*categorica*) — Pois eu adorei. Aquele homem apaixonado que deixa a casa, a mulher, os filhos, tudo por causa da rapariga que viu...

CLARA (*indignada*) — E é isso que achas interessante, Jana?!

RITA — Talvez tenhas razão em lhe chamar *bestial*: é só o que é, afinal de contas.

MARIA JOSÉ — Nem vale a pena falar nessa fita: é perder palavras.

CLARA — Ocas e bem ócas!

ALICE (*levantando-se*) — Acabei a minha tarefa, e são horas do chá.

CLARA (*juntando os trabalhos*) — Vejam o resultado da reünião de hoje: quatro camisas, 2 cueiros, 5 casacos, 3 cintas... Foi uma tarde bem produtiva!

JOANA — O tal Tito, se tivesse cá estado, não lamuriava!

CLARA — Para tirar algumas conclusões, meninas, o que eu queria dizer ainda agora, era que é desconsolador passar a vida, a nossa linda vida de raparigas novas, só em festas, fitas, chás, sem que nada de verdadeiramente *bom*, para nós ou para outros, saia dêsse tempo todo.

JOANA (*aborrecida*) — Tudo isso é exagero, Clara: pois o que pode sair melhor do que pandega, pandega e mais pandega? Para isso é que temos, como tu dizes, a nossa linda vida de raparigas novas; e...

Mas um côro indignado interrompeu Joana, e Maria José, a mais velha, concluiu:

— Não sabes o que dizes, Jana. Se formos a um passeio, por exemplo, e de lá trouxermos a consciencia de ter dado alegria a alguem, de ter concorrido para o bem, nosso ou dos outros, de ter aprendido qualquer coisa boa para o nosso espirito, não foi inútil o passeio.

ALICE — Se depois dum chá como o que vamos tomar dermos os ricos trabalhinhos que fizemos...

BERTA — Não perdemos a nossa tarde: teve uma *finalidade*, como diz Clara, a filosofa!

CLARA (*rindo*) — E agora que nos tornámos úteis, que bem nos vão saber as fatias...

(CONTINUA)

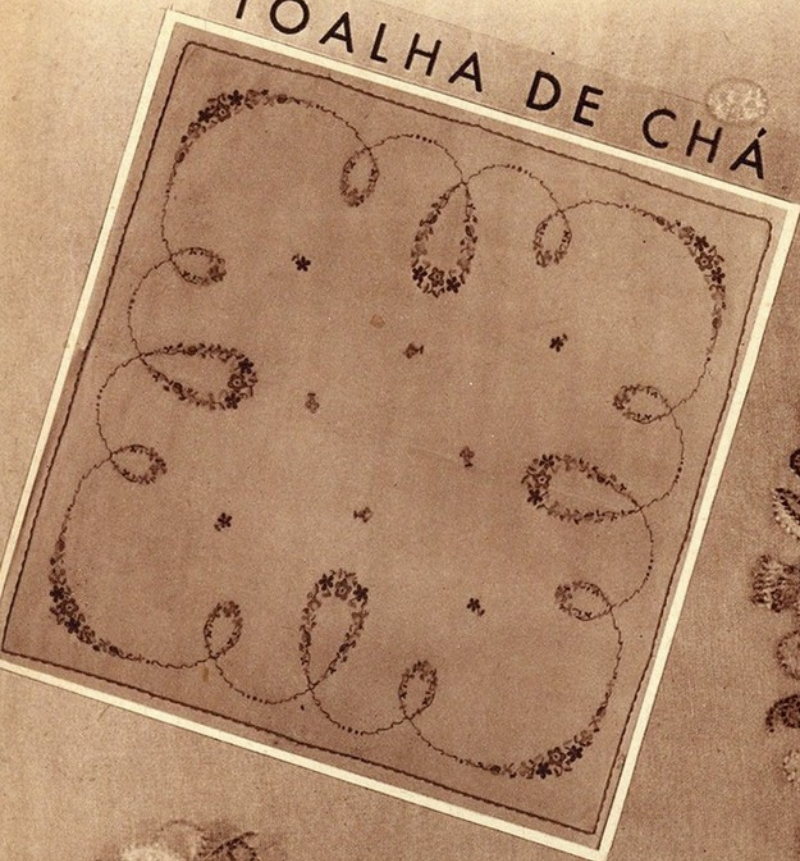
Todos os meses um grupo de alegres raparigas se reünia para coser para os pobres...

Foto: MARTINEZ POZAL

QUARTOS DE DORMIR

Para satisfazer o pedido que nos foi feito de publicarmos alguns interiores que dêem «idéias» para modernizar e embelezar o lar, damos hoje dois quartos, simples e de bom gôsto, que, estamos certas, tôdas as filiadas vão cubiçar para si...

TRABALHOS DE MÃOS

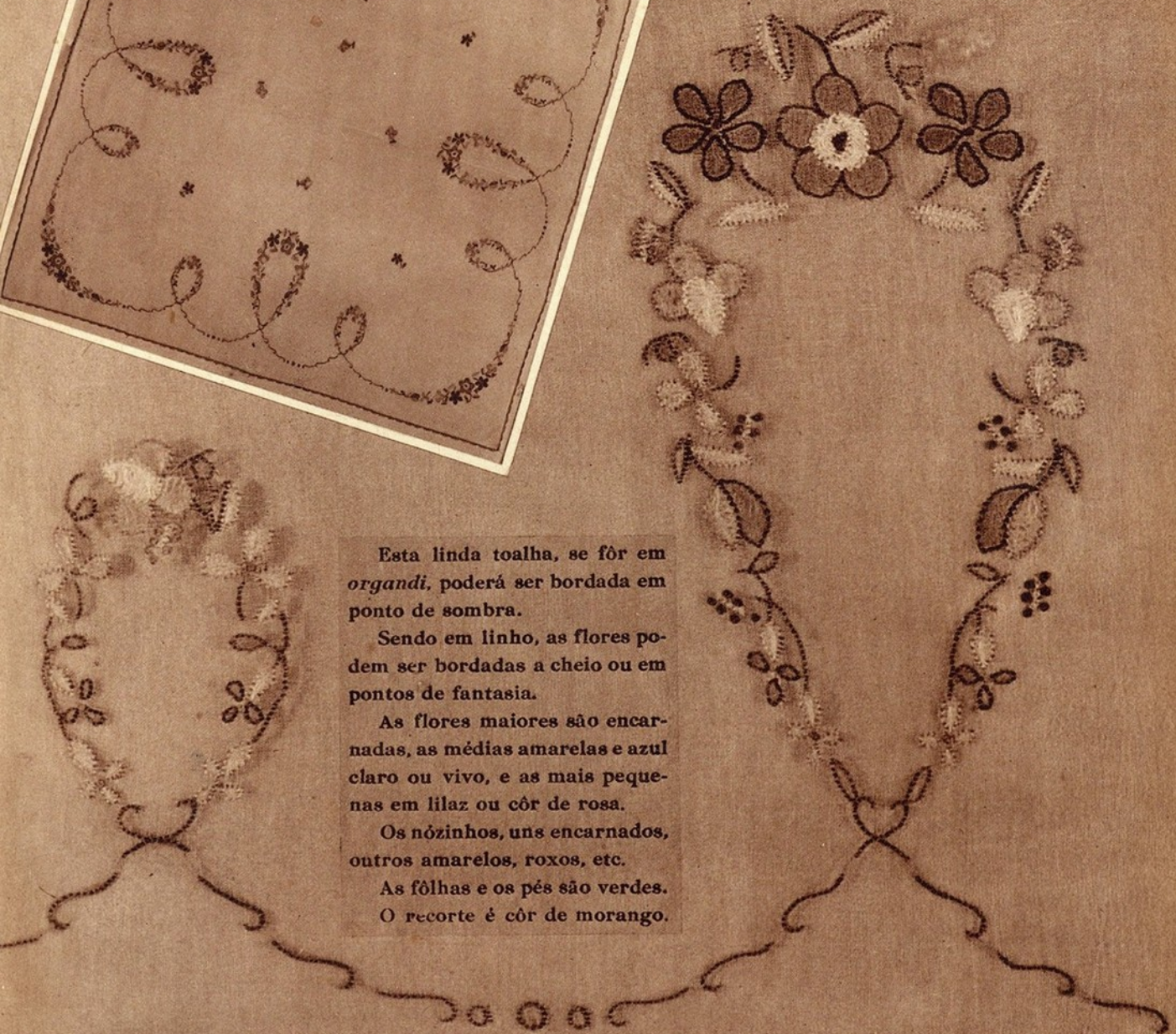
TOALHA DE CHÁ

Esta linda toalha, se fôr em *organdi*, poderá ser bordada em ponto de sombra.

Sendo em linho, as flores podem ser bordadas a cheio ou em pontos de fantasia.

As flores maiores são encarnadas, as médias amarelas e azul claro ou vivo, e as mais pequenas em lilaz ou côr de rosa.

Os nózinhos, uns encarnados, outros amarelos, roxos, etc.

As fôlhas e os pés são verdes.

O recorte é côr de morango.

AVÉ MARIA...

Dlão!... Dlão!... Dlão!... Manhã cedo...
Dlão!... Dlão!... Dlão!... Meio dia...
Dlão!... Dlão!... Dlão!... Sol posto...

Três vezes ao dia os sinos das nossas Igrejas nos convidam a repetir as melodiosas palavras da «Saüdação Angélica».

Três vezes ao dia os nossos lábios murmuram aquela oração tão simples, tão significativa e tão linda...

De manhãzinha parece que os sinos nos vêm recordar que são horas de levantar, que temos de recomeçar os nossos trabalhos.

Ao meio dia novamente se eleva sua voz argêntea aos altos céus.

E finalmente à tardinha, quando o Sol começa a declinar poisando beijos de luz nos socalcos graníticos dos montes e quando paira sôbre a terra, solenemente, o silêncio da noite ouve-se nos altos campanários as sonoras badaladas das Trindades:

Dlão!... Dlão!... Dlão!...

* * *

Era de manhã cedo. O Sol magnífico tudo enchia de côr, dessa côr linda e doirada.

Maria, numa casa pequenina muito limpa muito arrumada mas muito pobrezinha, orava:

Pedia a Deus que mandasse à terra o Salvador prometido.

E, absorvida naquela sua conversa com Nosso Senhor, semi-cerrou os olhos.

Tanto lá dentro, como cá fora, tudo respirava serenidade. Eis senão quando de mansinho uma brisa ligeira lhe empurrou a porta. Maria abriu os olhos e viu junto de si um Anjo.

Nossa Senhora não se assustou e de olhos fitos naquêle enviado de Deus escutou enlevada as suas palavras:

«Avé Maria, cheia de graça! O Senhor é convosco; bendita sois vós entre as mulheres».

Quadro de Dagnan-Bouveret

Era tanta a sua humildade que nem compreendia como isso podia ser. Ficou-se a olhar o Anjo pensativa; e, confiante em Deus, só teve estas palavras para responder:

«Faça-se em mim segundo a tua palavra».

E o Anjo desapareceu.

* * *

Passam-se alguns dias. Por tôda a parte há flores a desabrochar e passarinhos a chilrear — o ar está morno — é Primavera.

Vai caindo a noite... Nossa Senhora dirige-se para casa de sua prima Isabel.

Isabel nada sabe da sua vinda; no entanto tem um pressentimento: corre até à porta, abre-a e que vê? Por entre o arvoredo Maria que se aproxima montada numa jumentinha branca.

Naquêle mesmo instante, Isabel sente que tem diante de si não sua prima mas a Mãi do Messias, a Mãi do Redentor dos homens. Por isso prostando-se-lhe aos pés exclamou, exultante de alegria e plena de respeito:

«Bendita sois vós entre as mulheres; bendito é o fruto do vosso ventre».

Foi assim que nasceu a Avé Maria; a segunda parte não é mais que um brado que se atira para o Céu para pedir a protecção da Virgem-Mãi, para que Ela nos ensine como devemos proceder para que o Senhor seja sempre connosco, nas horas felizes, nas horas de tristeza: por tôda a nossa vida.

* * *

Dlão!... Dlão!... Dlão!...

Tocam Ave Marias... Nas aldeias mais portuguesas do nosso Portugal tôda a gente ora: os homens descobrem-se; as mulheres persignam-se e as almas sobem até Deus numa oração sentida...

Maria José dos Anjos Martins Capinha

Filiada n.º 31.458 — Faro

FÁTIMA

Fátima foi o lugar escolhido por Nossa Senhora para descer à terra portuguesa, e assim mais uma vez nos manifestar a sua protecção e carinho maternal para com seus filhos da Terra de Santa Maria.

Que nos disse a Virgem?

Comunicou-nos, por intermédio dos três pastorinhos a quem apareceu na Cova da Iria, seis vezes, de 13 de Maio a 13 de Outubro de 1917, que seu Divino Filho está muito ofendido com tantos pecados e cansado de perdoar aos homens usando da sua Infinita Misericórdia, e que se a humanidade não se resolver a fazer penitência, Ela, como nossa Medianeira, não poderá continuar a sustentar como até aqui o braço Justiceiro de Deus.

Aconselhou-nos portanto, com amor de Mãi que vela por seus muito amados filhos, que façamos reparação pelos nossos próprios pecados e pelos dos nossos irmãos, muitos dos quais não cumprem quási nenhum dos mandamentos da Lei de Deus.

Ouvindo a voz de Maria transmitida pelos ditosos videntes, acorrem à Cova da Iria milhares de pessoas com o desejo de louvar e adorar a Deus que por meio de Maria concede tantas graças e milagres, sendo os principais de caracter espiritual, pois que em Fátima recuperam a Fé perdida, tantos e tantos portugueses, que há muito não praticavam a religião, nem seguiam a Santa Doutrina e até a moral de Cristo Nosso Senhor.

Naquêle lugar sagrado, pela aparição da Mãi do Céu, quási tôda a gente respira como que uma atmosfera sobrenatural, isto é, sentem-se comovidos e impressinados.

Em Fátima reza-se com fervor, pede-se com confiança e faz-se penitência.

Quem vai a Fátima já sabe que tem de se sacrificar, porque ali tudo é incómodo. Quási todos os peregrinos têm que dormir nos carros e alguns ao ar livre.

O chão está cheio de pedras que magoam os joelhos e os pés. Se está sol é intenso o calor, por ser um lugar descampados; e chove enterram-se os pés na lama profunda e barrenta, e os peregrinos não sabem onde se recolher da chuva.

Fátima é bem o lugar de penitência que a Virgem desejou.

Apesar disto e com certeza por causa disto, cada vez é maior o número de peregrinos que lá vão.

Bendito seja Deus que é Grande e Misericordioso!

Agradeçamos à Mãi de Deus e Nossa Mãi do Céu por tantas graças que alcança para nós e por tanta bondade para connosco que estamos hoje mais que nunca num verdadeiro vale de lágrimas. Que a Rainha do Céu continue a pedir por nós e nos alcance a paz para todo o Mundo.

Maria da Conceição Raposo do Amaral

Filiada n.º 6.693 — Provincia da Estremadura

NA COVA DA IRIA

Estando três pastorinhos a apascentar seus gados vêm como que saindo duma nuvem uma Senhora lindíssima rodeada de luz.

A Senhora falou-lhes e disse-lhes:

— Meus filhos, rezai para que o mundo se salve.

E as criancinhas, desconhecendo aquela linda Senhora, preguntaram-lhe donde tinha vindo e Ela respondeu-lhes que viera do Céu. Só lhes pedia que rezassem o Terço. E as crianças assim fizeram. Façamos como elas, para pedirmos por êsses infelizes que desconhecem a Deus, para que se salvem, e roguemos, também, por nossos irmãos que sofrem os horrores da guerra, para que N.ª S.ª de Fátima, que tudo pode junto de Seu Bendito Filho, termine com êsse horrível flagelo em que homens se matam e onde sofrem tantos inocentes.

Senhora, Vós que sois mãi, lembrai-Vos das criancinhas que ficam sem pais, desamparadas.

Salvai-as, Senhora!... Tende piedade do mundo que sofre!...

Peçamos a Maria Santíssima que livre Portugal dêsse mal horrível. E que Seu coração amantíssimo se compadeça de todos.

Senhora de Fátima, salvai Portugal que em Vós confia!...

Senhora de Fátima, dai-nos a paz e salvai o mundo, que parece que Vos tinha esquecido; mas Portugal, Mãi Bendita, ser-Vos-á sempre fiel.

Salvai-o, Senhora!

Maria de Lourdes Barbudo Clemente

Lusa — Filiada n.º 37.023 — Centro n.º 1 — Ala 3 Portimão